

Memórias da avaliação: o caderno de memórias como instrumento de reflexão e autoavaliação

Memories of assessment: tender memories as a tool for reflection and self evaluation

Célia Regina Teixeira

Doutora em Educação, Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Líder do grupo de pesquisa CNPq: Currículo e Avaliação Educacional. Mamanguape, PB [Brasil]
cel.teix@terra.com.br

Danieli Almeida de Araújo Rodrigues Bulhões

Graduanda em Pedagogia, do CCAE, da Universidade Federal da Paraíba. Componente do grupo de pesquisa CNPq: Currículo e Avaliação Educacional. Mamanguape, PB [Brasil]
danieliaraujo@bol.com.br

Merian Aparecida Poluceno da Silva

Graduanda em Pedagogia, do CCAE, da Universidade Federal da Paraíba. Componente do grupo de pesquisa CNPq: Currículo e Avaliação Educacional. Mamanguape, PB [Brasil]
mpoluceno@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo ocasionar uma reflexão acerca da avaliação das aprendizagens, a partir dos registros de nossos Cadernos de Memórias enquanto alunos do curso de pedagogia, para isto, destacamos as reflexões realizadas através das nossas vivências decorrentes da disciplina de Avaliação Educacional, ministrada no curso de Pedagogia, Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. A avaliação das aprendizagens vem sendo cada vez mais objeto de discussão entre estudiosos e profissionais da educação. E para demonstrar esse interesse, foi proposto como avaliação da aprendizagem a construção do caderno de memórias de aulas. O caderno de memórias de aulas contribuiu para a reflexão acerca das impressões e experiências sobre o processo de avaliação e, também nos serviu como instrumento de autoavaliação das aprendizagens construídas. Durante todo processo de construção houve um diálogo entre os aspectos da teoria e prática, nos permitindo compreender a avaliação e a sua importância para o processo de aquisição de conhecimentos da área avaliativa.

Palavras-chave: Avaliação; Memórias de aulas; Ensino e aprendizagem; autoavaliação.

Abstract: The objective of this work is to reflect on the assessment of learning, from the records of our Memories Notebooks as students of the pedagogy course, for this, we highlight the reflections made through our experiences derived from the discipline of Educational Evaluation, given in the Pedagogy course, Center of Applied Sciences and Education - CCAE, Federal University of Paraíba - UFPB. The evaluation of learning has been increasingly discussed by scholars and educational professionals. And to demonstrate this interest, it was proposed as an evaluation of learning to build the classbook. The class memoir contributed to the reflection about the impressions and experiences about the evaluation process and

also served as an instrument for the self-evaluation of the built learning. Throughout the construction process, there was a dialogue between the aspects of theory and practice, allowing us to understand the evaluation and its importance for the process of knowledge acquisition in the evaluative area.

Key words: Evaluation; Memories of classes; Teaching and learning; Self evaluation.

1 Introdução

A avaliação está presente nas relações humanas, sociais e culturais, como parte fundamental nas nossas vidas, de forma consciente ou inconsciente, durante todo tempo avaliamos nossas atitudes, nossas escolhas, nossos caminhos. Para Luckesi (2011) somos um ser que avalia em todos os instantes da vida, dos mais simples aos mais complexos, estamos tomando alguma decisão. Quando pensamos a avaliação no processo educativo, percebemos seu grande significado e importância, “[. . .] podemos dizer que, no cotidiano, a presença da avaliação é permanente [. . .] tanto diante de situações ligadas aos conteúdos quanto diante dos outros momentos da vida escolar.” (OLIVEIRA; PACHECO, 2008, p. 119). A avaliação nos permite conhecer o processo de aprendizagem dos alunos, os seus progressos, suas dificuldades e os possíveis caminhos para superá-las.

Através das experiências vivenciadas na disciplina Avaliação Educacional, passamos a compreender a avaliação das aprendizagens através das nossas experiências vivenciadas enquanto alunas da educação básica, estudantes de Pedagogia e futuras professoras, além das reflexões realizadas, na disciplina do Curso de Pedagogia – do Centro de Ciências Aplicadas e Educação – (CGAE), *Campus IV*, da Universidade Federal da Paraíba, o que nos permitiu múltiplos olhares sobre a avaliação e que compõem este artigo que vai de um relato de experiências até uma reflexão sobre o nosso objeto/instrumento de estudo, no caso a avaliação.

Estas reflexões eram escritas em um caderno denominado de Caderno de Memórias, que nos serviu para a avaliação da disciplina, e também como instrumento de autoavaliação, permitindo compreender nosso processo de aprendizagem a partir das leituras e discussões em sala de aula, onde verificamos o processo de construção de significados sobre avaliação, expondo no caderno as nossas ideias, as nossas dúvidas e as certezas construídas ao longo do processo de aquisição destes novos conhecimentos. Esta vivência nos despertou para além

da sala de aula, com o desejo de compreender mais a respeito da avaliação das aprendizagens, desenvolvendo um pensamento crítico sobre ela.

Através dessas reflexões percebemos que a avaliação pode e deve ser pensada através de um olhar crítico e reflexivo, permitindo compreender o processo de aprendizagem e buscar subsídios para melhorar esse processo. Para Albuquerque, “Existem múltiplos olhares sobre a avaliação, dependendo [...] das forças sociais que a movem, ela pode ser construída para reafirmar o compromisso com a produção da vida humana.” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 3). O saber se torna importante no instante em que o ser humano é capaz de comunicá-lo aos outros, utilizando-o como forma de mudança social. É nesse exercício que o ser humano, a escola e a sociedade crescem. A busca por um ensino de qualidade, comprometido com a avaliação, que busca perceber o processo de aprendizagem, é uma prática necessária para o professor. Para isso, Hoffmann (2010) define a importância de perceber a avaliação como atividade ética, que nos envolve como seres humanos e que ao tomarmos decisões, devemos refleti-las para que possamos definir nossas posturas em nossas práticas. “Tomamos decisões em sala de aula a partir do que somos e do que sabemos, porque avaliar revela nossas posturas diante da vida.” (HOFFMANN, 2010, p. 161).

Sabemos das grandes dificuldades encontradas atualmente no campo educacional que é a capacidade de avaliar com qualidade. De acordo com Luckesi (2002) a avaliação que se pratica na escola é aquela onde as notas são usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, onde são comparados os desempenhos e não os objetivos que se deseja atingir. Refletir acerca destas questões nos levou, como futuras professoras, a perceber que o processo avaliativo deve ser pensado de forma a quebrar estes paradigmas que concebem-na como instrumento de classificação dos alunos, e por vezes de exclusão, e de como é importante perceber que a avaliação propõe uma perspectiva muito mais ampla, que ela pode e deve fazer parte de todo processo educativo, contribuindo para a construção de conhecimentos, percebendo as dificuldades dos alunos e apontando caminhos para superá-las. Para isso, (HOFFMANN, 2010, p. 59) explicita que essa percepção de avaliação pressupõe que avaliar é acompanhar as formas como o aluno aprende a ler e a escrever, na forma como convive com os outros para ajudá-los a prosseguir em suas descobertas, superando seus anseios, dúvidas e obstáculos naturais ao desenvolvimento. Todos nós aprendemos em consonância com o outro ou com algo. Ninguém aprende sozinho. Por isso a avaliação é neces-

sária em uma percepção formativa, e ao perceber isso o professor tem a chance de contribuir de fato com a formação de seus alunos. Perrenoud reflete que:

[...] soltando as amarras da avaliação tradicional, facilita-se a transformação das práticas de ensino em pedagogias mais abertas, ativas, individualizadas, abrindo mais espaço à descoberta, à pesquisa, aos projetos, honrando mais os objetivos de alto nível, tais como aprender a aprender, a criar, a imaginar, a comunicar-se. (PERRENOUD, 1999, p. 66).

Com isso podemos afirmar que as experiências vivenciadas na disciplina Avaliação Educacional nos proporcionou o alcance destes objetivos apontados por Perrenoud. Principalmente ao utilizar o caderno de memórias como instrumento avaliativo, passamos a perceber que a avaliação pode acontecer de diversas maneiras, durante todo processo de aprendizagem, assumindo uma postura formativa, e mais que isto, nos ajudando a perceber nosso próprio processo de aprendizagem, nossas necessidades, nossos avanços, nos possibilitando superar nosso caminho para uma aprendizagem significativa, nos ensinando que é possível valer-se de uma prática avaliativa diferenciada, que não pune, não amedronta, não classifica, mas que forma, que constrói e contribui com a formação dos alunos.

2 Memórias de aula: refletindo a avaliação das aprendizagens

Através da disciplina Avaliação Educacional começamos a refletir e discutir as nossas impressões sobre o processo de avaliação, ao mesmo tempo em que nos valíamos dos referenciais teóricos que discutem a avaliação das aprendizagens. Ao pensar sobre estas questões, passamos a recordar das nossas experiências enquanto alunas da educação básica, refletindo sobre o modelo de avaliação que vivenciamos e registrando essas experiências e impressões no caderno de memórias.

Com esse movimento, fomos percebendo como o processo de avaliação esteve presente na nossa vida em todos os aspectos. Estamos avaliando e sendo avaliados

durante todo o tempo, e infelizmente, muitas vezes o processo de avaliação se torna um processo doloroso, traumático, negativo. Para Werneck (1995), “As avaliações não podem continuar a ser instrumento de tortura. Eles devem trazer aos educandos o prazer, não a raiva e a insatisfação.” (WERNECK, 1995, p. 42).

Estas percepções passaram a compor nossos cadernos de memórias. Analisando as narrativas presentes nos nossos cadernos percebemos as concepções que trazíamos do processo avaliativo a partir das nossas próprias experiências vivenciadas, refletindo a avaliação em seus aspectos positivos e negativos. “Quando o professor faz uso da avaliação para intimidar o aluno, ele vai tornando-se amedrontado, tímido e, isso prejudica a sua capacidade de aprender” (SILVA, Merian – Caderno de memórias), porém, “[. . .] quando o professor compreende que a avaliação será de utilidade no processo de ensino e aprendizagem, ela pode se tornar aliada para rever e intervir numa aprendizagem significativa”. (SILVA, Merian – Caderno de memórias).

É necessário se perceber que a avaliação vai muito além dessa perspectiva classificatória, que quando o professor compreende que será de utilidade no processo de ensino e aprendizagem, ele pode se tornar aliada para rever e intervir numa aprendizagem significativa, que desperte o interesse e a curiosidade do aluno. (RODRIGUES BULHÕES, Danieli. – Caderno de memórias).

Devemos, portanto, estar em constante reflexão da nossa prática, observando, anotando, replanejando e buscando adequá-la as necessidades dos alunos. “O ato de avaliar como procedimento sistemático, consciente, reveste-se de muito significado e importância, pois é o meio através do qual se evidenciam o progresso do aluno [. . .]” (FERREIRA, 2009, p. 9).

Ao nos propormos uma reflexão sobre as práticas avaliativas, vamos permitindo uma interação entre teoria e prática, garantindo o direito a uma educação de qualidade e a chance de refletir e transformar o processo de aprendizagem, pois compreendemos que a avaliação deve ser contínua, formativa, na perspectiva do desenvolvimento integral da pessoa humana.

Infelizmente a avaliação das aprendizagens vem sendo praticada de forma distorcida, onde as provas e exames não são uma oportunidade de conhecimento do processo de aprendizagem, mas sim, uma maneira de classificar os alunos promovendo a evasão de muitos deles. Ferreira (2009) ressalta que a função da avaliação perde seu sentido quando a ênfase é dada apenas ao aspecto classificatório. “Lembro-me que ficava a noite toda tentando decorar aquelas questões, isso

me marcou negativamente.” (SILVA, Merian – Caderno de memórias). E: “Com a função classificatória, a avaliação não auxilia em nada o avanço e o crescimento.” (LUCKESI, 2011, p. 82). Na verdade, essa atitude fere o verdadeiro princípio da avaliação, que seria de auxiliar o processo de construção da aprendizagem, de ajudar professores e alunos a entenderem esse processo, tomando as atitudes necessárias para que a aprendizagem seja alcançada. Estas experiências negativas marcam os alunos de forma traumática prejudicando sua aprendizagem e desvirtuando o processo de avaliação. “O processo de avaliação do resultado escolar dos alunos e alunas está profundamente marcado pela necessidade de criação de uma nova cultura sobre avaliação.” (ESTEBAN, 2000, p. 8).

A avaliação não pode ser pensada apenas nos momentos de aplicação de provas, mas precisa estar presente em todo processo de aprendizagem, permitindo ao professor acompanhar o desenvolvimento dos alunos e intervir quando for necessário. Neste caso, a avaliação tem um papel fundamental na aprendizagem, pois é a partir dela que o professor pode verificar as necessidades que cada aluno possui, e assim, realizar as intervenções pedagógicas adequadas. Segundo LUCKESI (2002) essa é a postura que diferencia o professor avaliador do professor examinador. O avaliador sempre busca a melhoria da aprendizagem do aluno, enquanto o examinador só tem por objetivo medir e classificar os conhecimentos dos discentes. Sousa muito contribui para essa reflexão quando diz que: “A avaliação não pode abarcar apenas os resultados do ensino, mas o ensino em toda a sua totalidade.” (SOUSA, 2012, p. 126).

Quando pensada a partir dessa perspectiva, a avaliação passa a ser uma aliada na construção do ensino e da aprendizagem, sendo realizada durante todo o decorrer do período letivo, com o objetivo de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos, isto é, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades e como rever os entraves decorrentes do processo. Para Werneck (1995) o ato de aprender é um ato de libertação, de felicidade e não de tortura e alienação, não de tensões que atrapalham o aprendizado do aluno.

3 A autoavaliação como momento de reflexão

A autoavaliação aparece como forma do aluno ou até mesmo do professor refletirem suas práticas. O aluno passa a refletir seu processo de aprendizagem,

olhando para si mesmo ele identifica suas dificuldades, seus progressos e vai descobrindo os caminhos para avançar nesse processo, o professor ao se autoavaliar, passa a olhar para sua prática com um olhar crítico, buscando compreendê-la e superá-la a fim de proporcionar um ensino de qualidade para seus alunos. A autoavaliação permite uma apreciação do próprio trabalho desenvolvido. Do professor e do aluno.

Para nós, essa experiência proporcionada pelo Caderno de Memórias, enquanto alunas do curso de Pedagogia, e de futuras professoras, nos permitiu um olhar múltiplo, como se olhássemos através de um caleidoscópio, nos permitindo reviver lembranças enquanto alunas da educação básica, rememorando nossas vivências de avaliação positivas e negativas, vivenciar as experiências do presente, ao sermos avaliadas na disciplina do curso, através de uma perspectiva formativa, modificando a nossa compreensão acerca da avaliação, e refletindo, enquanto futuras professoras, acerca das práticas de avaliação como contribuição efetiva no processo de ensino e aprendizagem.

A autoavaliação se faz como instrumento avaliativo que pode ser utilizado pelo educador ajudando seus alunos a se tornarem críticos, sendo capazes de analisarem as suas próprias aptidões, atitudes, comportamentos, pontos favoráveis e desfavoráveis, assim como os êxitos dos objetivos propostos. Segundo Bibiano (2010), com este movimento o aluno passa a tomar consciência de seu percurso de aprendizagem e se responsabilizar pelo empenho em avançar. “Para o aluno apropriar-se do conhecimento, e superar o erro, esse processo precisa ser entendido pelo aluno.” (PESSOA, 2012, p. 51).

A autoavaliação também é parte excepcional para que os alunos tenham a capacidade de assumir suas responsabilidades no que se refere à sua própria aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, desta forma o aluno irá desenvolver a oportunidade de reflexão sobre os novos conhecimentos adquiridos, se tornando assim um estudante crítico do seu próprio processo de aprendizagem.

Com as experiências relatadas nos cadernos de memórias vivenciamos uma prática avaliativa sob uma perspectiva formativa, nos permitindo compreender nosso processo de aprendizagem, em uma relação significativa onde o instrumento de aprendizagem era o próprio objeto da mesma, pois para nós, este instrumento assumiu uma característica de autoavaliação, quando a cada aula que escrevíamos nos relatos do caderno, e a cada pensamento escrito, percebíamos que estávamos avançando no nosso processo educativo,

nossa linguagem, e nosso pensamento, nossa compreensão sobre a avaliação amadurecia a cada página.

Muito do que pensávamos sobre a avaliação no início da disciplina era aos poucos modificado e as nossas representações sobre o objeto da avaliação já não eram as mesmas. Isto era percebido a cada vez que voltávamos às páginas do caderno para ler nossos pensamentos, nos autoavaliávamos, percebendo que estávamos avançando em nosso conhecimento, analisando possíveis dificuldades e refletindo com a docente da disciplina sobre esse conhecimento construído. O que facilitou bastante esse processo foi o fato da professora, em alguns momentos, pedir nossos cadernos de memórias para realizar uma avaliação, e em alguns casos ela citava algumas observações que deveriam ser feitas nos próximos relatos, o que fazia com que melhorássemos em nosso processo.

O movimento de leitura dos referenciais teóricos e a consulta constante dos registros realizados nos cadernos foram amadurecendo a nossa aprendizagem e fazendo de um simples instrumento, parte significativa no processo de construção dos conhecimentos.

Compreender nosso processo de aprendizagem foi o que contribuiu para a construção do nosso conhecimento sobre avaliação, percebendo possíveis equívocos e buscando a superação, verificando os caminhos necessários para construirmos nossa aprendizagem.

Uma pessoa que não é capaz de se autoavaliar não produzirá de forma crítica seus pensamentos e reflexões, nesse contexto. Freire(1999, p. 16), afirma que a autorreflexão favorece conhecer-se e conhecer o mundo que está inserido e, com isso, transformá-la.

Enquanto alunas, no exercício da autoavaliação tivemos a chance de aprender a refletir sobre a nossa própria aprendizagem, a buscar aprimorar estratégias e habilidades, nos tornando efetivamente participantes do nosso processo de aprendizagem, e tudo isto se faz importante, uma vez que compreendemos que, quando se fala em aprendizagem não se fala apenas do movimento intelectual de aquisição dos conteúdos mediados pelo professor, mas se fala também das experiências aprendidas, do aprender a falar, a pensar, a agir e a ser. A aprendizagem não modifica apenas nosso conhecimento, mas também modifica nosso ser. (PAROLIN, 2011).

4 Considerações finais

Ao final deste trabalho percebemos a importância de utilizar instrumentos diversificados no processo avaliativo, rompendo com a questão das provas. O caderno de memórias nos possibilitou uma reflexão mais sistematizada dos processos de construção dos conhecimentos, uma vez que a avaliação ocorria concomitantemente e favorecia a ação e reflexão em nossa formação, tornando-se concreto tudo o que aprendíamos através do amadurecimento das discussões.

Ao final do processo avaliativo com o caderno de memórias, refletimos que a avaliação deve ser um ato de reflexão que contribua para a construção da aprendizagem. O professor, como mediador, vai percebendo através da avaliação como se dá o processo de aprendizagem, contribuindo para que seu aluno avance no processo.

Através da reflexão feita no caderno de memórias tivemos a chance de perceber como ocorre o processo avaliativo e entender que devemos buscar na nossa prática educativa diferentes formas de avaliar, compreendendo a avaliação como instrumento auxiliar no processo ensino e aprendizagem. Com a experiência de escrever em um caderno de memórias, nosso entendimento sobre as aulas expostas foi bastante satisfatório, em um processo de crescimento na disciplina de Avaliação Educacional do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, *Campus IV*.

Registramos mais do que um componente da matriz curricular do curso de Pedagogia, a disciplina Avaliação Educacional, ao desenhar esta possibilidade avaliativa diferenciada, resgatando nossas memórias de forma que pudéssemos refletir a avaliação, desenvolvemos o gosto pela temática. E para tanto, nos respaldamos nos estudos de (HOFFMANN, 2001, p. 41), que nos diz que “[...] desenvolver é ir à frente, estar em estado de inquietude permanente, fazer e refazer, descobrir novas maneiras de aprender, novos jeitos de ser.” O caderno de memórias se tornou instrumento de investigação, que aguçou a nossa curiosidade por saber mais sobre o tema, que nos instigou a continuar pesquisando, refletindo e discutindo e com isso, articulando as nossas concepções para a prática.

Ao final, percebemos que a avaliação vai bem mais além do que a realização de uma simples prova ou um trabalho, que ela deve ser um ato de reflexão e

ação e que contribua para a construção das aprendizagens. Segundo Teixeira (2013) o professor, como mediador vai percebendo, por meio da avaliação, como ocorre o processo de aprendizagem, e as reais necessidades do aluno, com isso propõe ações efetivas e acertadas, contribuindo para que ele avance sempre no processo de aquisição dos saberes. E a autoavaliação favorece também ao aluno um enxergar-se no processo de aquisição dos saberes, propiciando-lhe a tomada de decisão sobre o que tem dificuldade e o que precisa melhorar.

Referências

- ALBUQUERQUE, Targélia de Souza. *Ética e Avaliação: elos pedagógicos em defesa da vida na escola*. Editora Construir, 2007. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id1376>>. Acesso em: 12 fev. 2013.
- BIBIANO, Bianca. Autoavaliação: como ajudar seus alunos nesse processo. *Revista Nova Escola*. Março, 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/autoavaliacao-como-ajudar-seus-alunos-nesse-processo-planejamento-538875.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2013.
- CASTILLO ARREDONDO, Santiago, DIAGO, Jesús. *Avaliação educacional e promoção escolar*. Trad. Sandra Dolinsky. São Paulo: Ibepex/Unesp, 2009.
- ESTEBAN, Maria Teresa. *A avaliação no cotidiano escolar*. In: _____. Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- FERREIRA, Lucinete Maria Sousa. *Retratos da avaliação: conflitos, desvirtuamento e caminhos para a superação*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- _____. *Avaliar: respeitar primeiro, educar depois*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PACHECO, Dirceu Castilho. *Avaliação e currículo no cotidiano escolar*. In: ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). Escola, currículo e avaliação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Série cultura, memória e currículo. v. 5).
- PAROLIN, Isabel. *Quando avaliamos para aprender*. In: BOZZA, Sandra (Org.). Avaliação e aprendizagem: entre o pensar e o fazer. Pinhais: Editora Melo, 2011.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Tradução Patrícia Chiltoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PESSOA, Regina Célia Montefusco Florindo Pessoa. *Avaliação da aprendizagem e os múltiplos olhares sobre o erro nas produções dos alunos*. In: TEIXEIRA, Célia Regina et al. *Avaliação Educacional: campo contestado*. São Paulo: Max Limonad, 2012.

SOUSA, Ana Lourdes Lucena de. *O papel da avaliação curricular na metodologia de pesquisa: reflexões sobre a formação do professor de biologia*. In: TEIXEIRA, Célia Regina et al. *Avaliação Educacional: campo contestado*. São Paulo: Max Limonad, 2012.

TEIXEIRA, Célia Regina. *Avaliação educacional: campo em (re)construção*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

WERNECK, Hamilton. *Prova, provão, camisa de força da educação :uma crítica aos sistemas de avaliação crivada de humor e propostas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

recebido em 20 jan. 2017 / aprovado em 23 maio 2017

Para referenciar este texto:

TEIXEIRA, C. R.; BULHÕES, D. A. A. R.; SILVA, M. A. P. Memórias da avaliação: o caderno de memórias como instrumento de reflexão e autoavaliação. *Dialogia*, São Paulo, n. 26, p. 109-119, maio/ago. 2017.
